

BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



Leite derramado (Companhia das Letras, 2009), quarto romance do escritor, compositor, cantor e músico Chico Buarque, une-se à tradição literária, aqui representada por Machado de Assis, Marcel Proust e Guimarães Rosa, considerando que a história narrada é a revisão existencial, via memória, de um narrador masculino. A narrativa tem como protagonista Eulálio Montenegro d'Assumpção (“e não Assunção, como em geral se escreve”, e “o P de Assumpção é mudo”, para não soar “pernóstico”), um aristocrata centenário arruinado, que recupera, através da memória, caracterizada como uma “vasta ferida”, em um momento crucial de sua vida, os cem anos de sua existência: Eulálio Assumpção, em função de uma queda, encontra-se, acompanhado de uma centena de pessoas, na fila de um hospital público, após uma estada em uma enfermaria, à espera de um leito – [...] ouço rumores de que estou na fila para uma vaga em hospital público. [...] Mas com os dias me convenci de que no meio do trânsito não fico pior que na enfermaria, onde a televisão vivia ligada no futebol, eu não conseguia me concentrar nos meus assuntos {suas memórias} (p. 183-184). A história, ou melhor, suas memórias se materializam numa narrativa organizada em vinte e três capítulos indicados por números e não por títulos. Como Machado, Chico Buarque nos apresenta um narrador intolerante e inconformado, arrebatado pelo ciúme, tentando encontrar uma justificativa para a perda da mulher amada. Assim como Proust, o que se conta é a recuperação da vida de um sujeito em consonância com a história coletiva de uma sociedade. Como Guimarães Rosa, o narrador conta sua história para alguém, acreditando que aquilo que pensa está sendo registrado pelo seu ouvinte.

Em cada um dos capítulos acompanhamos, interlocutor(es) – enfermeira(s), filha, carregadores da maca, doutor, colegas de enfermaria a espera de atendimento – e leitor, de forma desordenada – *Não é culpa minha se os acontecimentos às vezes me vêm à memória fora da ordem em que se produziram. É como se, a exemplo da correspondência do doutor Blaubaum, algumas lembranças ainda me chegassem de navio, e outras já pelo correio aéreo* – a vida de Eulálio que, ao reproduzir os acontecimentos de sua vida individual, nos apresenta

um tempo histórico verificável, com referências explícitas, que se divide entre um passado remoto – *meu tetravô português* (p.31) –, um passado distante – *meu trisavô desembarcou no Brasil com a corte portuguesa* (p.50); *meu bisavô foi feito barão por dom Pedro I, pagava altos tributos à Coroa pelo comércio de mão-de-obra de Moçambique* (p.78-79); *meu avô foi um figurão do Império, grão-maçom e abolicionista radical* (p.15); *meu avô foi comensal de dom Pedro II, trocou correspondência com a rainha Vitória* (p.51); *senador Assumpção, notável da República, [...] meu pai presidia a comissão de assuntos agrários do senado...* (p.73), [...] *uma foto de 1905 onde meu pai, jovem senador, aparecia de cartola numa comitiva do presidente Rodrigues Alves* (p.126); [...] *ao ganhar do presidente Campos Sales a concessão do porto de Manaus, meu pai era um jovem político bem-conceituado, sua fortuna de família era antiga* (p.78); [...] *com esses anarquistas nunca se sabe. Naquela noite uma assessora ligou [...] Sua excelência ficaria retida até de manhã em assembléia permanente, ou em reunião de emergência no Ministério de saúde, ou a portas fechadas com o presidente Epitácio, pois o governo se preparava para enfrentar uma epidemia de gripe pior que a espanhola* (p.105); [...] *Em Londres me falaram de calamidades financeiras, milhões de libras esterlinas fulminadas da noite para o dia, devido ao crack da bolsa de Nova York* (p.59); [...] *que em 1930 os gaúchos invadiram a capital, amarraram seus cavalos no obelisco e jogaram nossas tradições no lixo* (p.77) etc –, e um passado próximo – [...] *agora estou seguro de ter visto o garotão Eulálio ainda outro dia, forte toda a vida. Ele até me deu uma caixa de charutos [...]. O Eulálio magro é que virou comunista, porque já nasceu na cadeia [...]. Daí fumava maconha, batia nas professoras, foi expulso de todas as escolas. Mas mesmo semianalfabeto e piromaniaco, arranhou trabalho e prosperou [...]; [...] Só sei que Eulálio d'Assumpção Palumba Junior foi batizado e criado por nós, hoje é esse garotão que a leva para andar de carro e me dá charutos cubanos* (p.39); [...] *meu tataraneto, você sabe, faz comércio de entorpecentes, acho que outro dia o vi com a namoradina nessa televisão, os dois algemados num aeroporto, escondendo a cara* (p.120).

Acompanhamos, do tetravô ao tataraneto, a história do Brasil, do período colonial ao Brasil do século XXI.

No entanto, apesar das referências históricas explícitas, não se trata de um romance histórico, pois a história que predomina é a de um sujeito frustrado e mal-sucedido nos âmbitos financeiro e amoroso. Com a morte do pai Eulálio, um senador influente da República Velha, filho de Eulálio, um figurão do Império, Eulálio não conseguiu levar adiante o trabalho paterno, pois não tinha vocação e carisma necessários numa época em que o jogo de influências era decisivo para manutenção dos negócios e, conseqüentemente, de fortuna e *status*.

Da mesma forma em que não tinha vocação para o trabalho, não teve para o amor. Mesmo acusando e responsabilizado o genro, Amerigo Palumba, pela perda da fortuna, fica evidente que a decadência da família iniciou com a morte do pai, pois ele, o filho herdeiro da fortuna financeira e política, não fora preparado e não soube levar adiante os negócios da família. Sua situação ficou ainda mais grave ao apaixonar-se por Matilde, filha bastarda de um deputado correligionário de seu pai – *Matilde era de pele quase castanha, era a mais mocinha de sete irmãs, filhas de um deputado correligionário do meu pai* (p.29-30) – desprovida de uma formação cultural adequada a uma moça de família da alta sociedade e futura esposa de um filho de uma família tradicional brasileira, mesmo tendo estudado em uma escola reconhecida – [...] *Matilde em francês era quase tatibitate. [...] política não lhe interessava, negócios, muito menos, amava fita de caubói, mas não sustentaria uma conversação sobre literatura. Pouco sabia de ciências, geografia e história, apesar de ter estudado no Sacré-Coeur. [...] estudara piano, como todas as moças de seu gabarito, mas tampouco brilhava*

nessa matéria. Ainda éramos namorados no dia em que ela sentou no Pleyel de minha mãe, e me preparei para escutar alguma peça de Mozart [...]. Mas com mão pesada, ela tocou um batuque chamado Macumba Gegê, vá saber onde ela aprendeu aquilo (p.44-45). A paixão de Eulálio por Matilde teve início no dia da missa de sétimo dia de seu pai, na igreja da Candelária, ao avistá-la no coral cantando o Réquiem. No início, encontros furtivos, depois o casamento, uma vida social intensa, o nascimento da filha Maria Eulália, o desaparecimento de Matilde, ou seja, Matilde abandona a família quando ainda amamentava a filha, sem, segundo o narrador, o próprio marido, apresentar motivos para atitude tão radical. A partir desse dia a vida de Eulálio se transformou numa eterna busca movida pelo ciúme já anunciado no decorrer da vida conjunta.

Diante do exposto, apesar da brevidade, pois muitos são os pontos em comum com a tradição literária, pode-se afirmar que Chico Buarque, ao apresentar, em seu romance *Leite derramado*, a história de um ancião centenário que recupera sua vida juntamente com a de seu país, das origens à atualidade, via memória, num processo de descoberta do tempo, está em sintonia, ao mesmo tempo, com a tradição e com o seu tempo: no decorrer de toda a obra ouvimos um sujeito que, de lembrança em lembrança, relata a degradação humana e social, a degradação da família que é também a degradação de um país.

REGINA KOHLRAUSCH
PUCRS

Recebido: 10 julho de 2009
Aprovado: 23 agosto de 2009